Ensaio de Nível Superior
Português A - Linguagem e Literatura HL

Da ironia à iluminação: a retórica da finitude em A Morte de Ivan Ilitch.

Contagem de palavras: 1500

Escrito por Leon Tolstói em 1886, *A morte de Ivan Ilitch* (TOLSTÓI, 2018) narra a jornada do magistrado russo Ivan Ilitch Golovin, que, após um acidente doméstico, enfrenta uma doença. A novela evidencia como a superficialidade de sua vida — a busca por status social e validação externa — o conduz ao arrependimento quando confronta a realidade inevitável de sua morte iminente. A partir de uma leitura literária e linguística, este ensaio investiga os principais momentos da narrativa, do início ao desfecho, analisando como as figuras de linguagem — ironia, metáfora e eufemismo — constroem a representação da morte na obra de Tolstói. A linha de investigação examina de que modo essas escolhas formais moldam o percurso que vai da negação social da morte à sua ressignificação como "iluminação". Além disso, utiliza-se a dissertação de mestrado de Luiza Nascimento Almeida, "A representação da morte na obra de Tolstói" (ALMEIDA, 2011) para complementar a análise com uma perspectiva literária alternativa.

No primeiro capítulo da obra, é anunciada a notícia sobre a morte de Ivan Ilitch e, posteriormente, o narrador apresenta o seu funeral, descrevendo os personagens relevantes na narrativa — seus familiares e amigos de trabalho — vistos a partir da perspectiva de Piotr, ex-colega de Ivan. Entretanto, algumas situações presentes nesse capítulo configuram-se como irônicas. Primeiramente, seus amigos, que deveriam sentir-se comovidos pela perda de um ente querido, calculam o "efeito na rodada de transferências e promoções para eles ou seus companheiros", de modo que o velório revela que para aquele círculo a morte de Ivan vale mais como oportunidade social do que como perda humana. Além disso, sentem "alívio" ao pensar que "'foi ele quem morreu e não eu' [...] 'Comigo vai ser diferente – eu estou vivo'" (TOLSTÓI, 2018), revelando, em sua fala a negação da própria morte e um autoengano reconfortante e temporário no qual transformam a morte do outro em alívio para si próprios. Ademais, Piotr considera esse tipo de pensamento — sobre a própria morte, que um dia chegará inevitavelmente — como "pensamentos depressivos", atribuindo à morte um

significado negativo que consequentemente o leva a evitar o tema. Assim, de modo irônico, o primeiro capítulo representa a negação organizada e social da morte sob a cortina do cálculo de status e da perspectiva impessoal. Diante da morte de Ivan, eles encenam um "conto de fadas" reconfortante para desviar da realidade (ALMEIDA, 2011), obtendo um alívio momentâneo que encobre o medo real e expõe a autoalienação.

Sobre o personagem, nos capítulos dois e três o narrador compõe Ivan Ilitch como alguém moldado pela validação externa e pelo prestígio. Ao ingressar na carreira jurídica, após estudar na Escola de Direito, ele se aproxima das "pessoas de alta posição" e passa a imitá-las; o casamento com Praskóvia não nasce do afeto amoroso, mas da conveniência social — "agradava a si próprio adquirindo uma esposa dessas" e "fazia o que as pessoas de alta posição achavam certo fazer" (TOLSTÓI, 2018). O apartamento novo confirma a mesma lógica: objetos baratos que "davam a tudo uma aparência enfaticamente nobre", apenas para impressionar os outros. O próprio narrador condensa essa orientação de vida: "todo o interesse que tinha pela vida concentrava-se em seu ambiente de serviço" (TOLSTÓI, 2018). Isso evidencia sua superficialidade e despersonalização. Portanto, ambos os capítulos que constroem a imagem de Ivan Ilitch reforçam a ideia de que ele se adapta às versões socialmente valorizadas dentro de seu círculo.

Então, no capítulo três, em cima de uma escada, Ivan apresenta ao estofador como queria que se encaixasse a tapeçaria em seu apartamento; porém, desequilibra-se e cai, acidentando-se. No decorrer do capítulo seguinte, esse acidente evolui para um desconforto que "foi aumentando", criando um "mau humor" e estragando os prazeres da vida conveniente e fácil de Ivan. Posteriormente, procura um médico para se livrar desse incômodo; contudo, ao dialogar com o profissional sobre sua condição — que aparentava ser uma doença —, Ivan percebe-se como o "réu", uma metáfora burocrática que evidencia sua posição de dependência diante de uma autoridade que decidirá seu destino. Pelo

comportamento do médico, conclui que “estava muito mal”, ainda que o doutor evitasse responder se era “um caso grave ou não”, afirmando tratar-se de uma “questão ociosa” — um eufemismo que desloca a pergunta essencial e suaviza a possibilidade da morte. Além disso, o médico demonstra maior interesse em discutir se os sintomas eram causados por um “rim solto” ou pelo “ceco”, substituindo a angústia existencial por uma disputa técnica sobre diagnósticos. Desse modo, o capítulo três revela como a linguagem médico-burocrática institucionaliza a negação da morte: ao evitar nomeá-la diretamente, o discurso técnico transforma a finitude em procedimento clínico, afastando o sujeito da realidade que o ameaça. Assim como no primeiro capítulo a sociedade mascara a morte por meio da etiqueta social, aqui ela é encoberta pela impessoalidade científica, mostrando que, em diferentes esferas, a linguagem funciona como mecanismo de defesa contra a consciência da própria mortalidade.

Em um certo momento, Ivan reflete sobre sua situação após ser comparado a problemas mundanos familiares e experimenta uma espécie de “epifania”, resultado de um choque com a realidade. E, ao conjecturar e ruminar sobre suas ideias, chega a uma conclusão: “‘Ora, não é uma questão de apêndice ou rim, mas de vida... ou de morte. Sim. Havia vida, e agora ela está indo embora [...] Havia luz e agora há escuridão.’” Nessa passagem, Ivan, consciente da proximidade da morte, recorre à oposição entre luz e escuridão, configurando uma antítese que assume valor metafórico: a luz representa a vida; a escuridão, a morte iminente. Além disso, a imagem não descreve apenas um fim físico: ela constrói a morte como apagamento de sentido, como se a experiência do mundo se tornasse menos legível.

No sétimo capítulo, Guerassim, o enfermeiro, aparece na narração para cuidar de Ivan, como ajuda em auxílio físico e existencial. Desse modo, Guerassim funciona como uma metáfora da proximidade com a natureza e com Deus, agindo como o catalisador para a re-humanização de Iván. E, essa ligação é essencial porque, para Tolstói, "Deus é a vida",

destacando que a felicidade e a vida real só podem existir quando o homem está em comunhão com Deus, com o bem e, obrigatoriamente, com o outro. Portanto, ao aceitar a própria finitude através da alteridade e do cuidado de Guerassim, Ivan Ilitch deixa de ser um "estrangeiro" — aquele que vive alienado, focado em si mesmo e na observação fria da vida — e passa a ser um "residente", que encontra o pertencimento e o sentido espiritual no amor e na comunhão com o próximo, reconectando-se com a essência absoluta da vida que ele havia negado em sua existência burocrática (ALMEIDA, 2011).

No nono capítulo, Ivan é interpelado pela “voz” de sua alma, que lhe pergunta como viveria. Ele responde que gostaria de viver como antes, com prazer; no entanto, ao tentar recuperar esse passado, recorda apenas a infância, e não a vida adulta, pois os prazeres de então se desfazem e passam a parecer “pífios” e “abjetos”. Já no penúltimo capítulo, o narrador intensifica esse conflito interno: Ivan revisita sua trajetória e começa a admitir que o modo como viveu foi um erro, deslocando a busca de prazer para um julgamento mais profundo sobre o sentido da própria vida.

Portanto, no último capítulo, Ivan, prestes a morrer, debate-se no “saco preto” — metáfora do processo de transição entre vida e morte. A única coisa que o impede de completar essa passagem, como afirma o narrador, é a “ciência de que sua vida tinha sido boa”, isto é, a insistência em sustentar a narrativa confortável que sempre o protegeu. Quando, enfim, aceita que sua vida não deveria ter sido como foi, essa resistência se rompe: ele é “jogado” ao saco negro e, então, surge uma “luz”. A metáfora se reconfigura: a morte deixa de ser apenas escuridão e passa a ser iluminação, porque a aceitação da realidade — inclusive da superficialidade com que viveu — permite que ele morra com tranquilidade. Por isso, o texto afirma que já não há dor nem medo: “fora a luz que tomara o lugar da morte”, deslocando o sentido do fim físico para uma lucidez que dissolve o desespero.

Em síntese, este ensaio recorta a obra a partir das figuras de linguagem que

representam a morte e moldam seu sentido ao longo da narrativa. Esse foco, por definição, capta apenas uma perspectiva do texto: há momentos em que Tolstói aborda a morte sem recorrer a figuras marcadas, e eles não são o centro da análise aqui. Ainda assim, ao acompanhar ironias, eufemismos, e metáforas, é possível observar como o narrador representa uma transformação gradual da morte. Nos capítulos iniciais, ela é representada como tabu e negada — primeiro pela etiqueta social, depois pela impessoalidade médica. Após o acidente, porém, a realidade irrompe por meio da dor, até que, no desfecho, a metáfora do "saco preto" e a emergência da "luz" representam a ressignificação do fim como consciência: a morte deixa de ser apenas ameaça e passa a funcionar como "iluminação", pois obriga Ivan a abandonar a mentira confortável e encarar a vida que viveu.

Bibliografia:

1. TOLSTÓI, Leon. A morte de Ivan Ilitch e outras histórias. Tradução de Oleg Almeida. São Paulo: Martin Claret, 2018.

2. ALMEIDA, Luiza Nascimento. A representação da morte na obra de Tolstói. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-16082012-120919/publico/2011_LuizaNascimentoAlmeida.pdf >